**TRADIÇÃO, CULTURA E EDUCAÇÃO EM CARAVELAS/BA:
As festas juninas como lugar de saberes e práticas escolares**

Lucia de Fátima Oliveira de Jesus¹
Helânia Thomazine Porto²

Resumo: Em Caravelas são realizadas várias festividades durante o mês de junho, desde as trezenas de Santo Antônio aos festejos no dia de São Pedro. Sendo assim, consideramos importante discutir e realizar ações intervencionistas com os docentes de escolas municipais de Caravelas com o objetivo de refletir sobre a cultura local, no que diz respeito às festas e às tradições populares, introduzindo-as nas práticas pedagógicas das escolas públicas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental. Nessa perspectiva, este texto apresenta uma experiência didática, no âmbito das Oficinas Articulares do curso de pedagogia UNEB/PARFOR de Caravelas/BA, reconstituído a história, a cultura e as linguagens relativas aos festejos juninos, a partir de uma abordagem transversal e da pesquisa-ação. Para tanto foram realizadas em doze escolas municipais ações pedagógicas, relativas às festas juninas, com culminância no período de 10/05/2013 a 23/05/2013, planejadas e preparadas no decurso do 1º. Semestre de 2013 com as graduandas, sob nossa orientação. O impacto dessa atividade se deu em três dimensões: na formação dos educadores e educandos, envolvendo diretamente, 300 discentes e 22 docentes, em estudos; pesquisas e vivências acerca dos saberes sobre os festejos como signo de identidade cultural e na ressignificação de práticas educativas de Caravelas/BA.

Palavras- chave: Cultura; Práticas educativas; Festas e tradições populares.

¹ Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação – Campus X.
hthomazine@hotmail.com

² Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação – Campus X.
defatima.lu@gmail.com

1 Introdução: Tradições culturais e festejos populares

As festas populares estão presentes em praticamente todas as sociedades e se revelam como expressão das crenças e da cosmovisão de um povo. Suas raízes remontam ao desenvolvimento da agricultura, a partir do período conhecido como neolítico. Segundo Eliade (1998), as festas surgem como forma de reverenciar a natureza e/ou as divindades para que essas pudessem intervir evitando pragas ou qualquer tipo de dano às plantações.

Na antiguidade clássica são inúmeras as festas devotadas aos deuses gregos e romanos. Na Grécia foram memoráveis banquetes organizados pelo filósofo Platão em homenagens ao deus Dionísio. Em Roma as festas que aconteciam durante o ano, também perpassadas pelas crenças religiosas. Entretanto, algumas festas, especificamente as que em honravam ao deus Baco, aos poucos foi perdendo o seu caráter devoto, sendo proibida pelo Senado. (CARDOSO, 2005).

No século IV, com a expansão do cristianismo através de Constantino, muitas dessas festas deixaram de ser realizadas. Assim, as procissões, preces coletivas e oferendas foram transportadas para esse novo contexto. Ao calendário pagão seguiu-se um calendário cristão que promoveu o enquadramento da memória das festas romanas. Desse modo, a comemoração do solstício de inverno foi substituída pelo Natal, as festas da primavera pela Páscoa, e as do solstício de verão pelo Pentecostes e o culto aos deuses foi substituído pelo culto aos santos (CARDOSO, 2005).

As práticas ancestrais aos deuses, difundidas pela oralidade durante séculos, foram substituídas pelas homenagens aos santos católicos e essa prática foi difundida pela América com a expansão marítima da península ibérica. Essas práticas foram transportadas para o Brasil Colonial. As festas desse período seriam marcadas por seu caráter oficial, estimuladas pelo Estado e pela Igreja, de viés notadamente conservador, tinham a função de demarcar os lugares dos indivíduos na hierarquia social, tal como as paradas militares e outras festas cívicas, as procissões e os festejos aos santos padroeiros (MARQUES DE MELO, 2001).

Ao longo do tempo algumas festas desapareceram, outras permaneceram vivas na contemporaneidade devido a sua capacidade de se adaptar aos novos tempos. No nordeste temos as festas juninas. Um dos fatores que intervieram na dinâmica dessas festividades foi à diluição das fronteiras entre o urbano e o rural (MARQUES DE MELO, 2001). Pois, os festejos congregam elementos do campo e da cidade ao mesmo tempo em que se tornam guardiões da memória ligada aos ritos de proteção das colheitas, mesclam-se com elementos

da modernidade presentes nas cidades como, por exemplo, a utilização de instrumentos eletrônicos nas quadrilhas e nos forrós.

Assim, a tradição de homenagear os santos católicos – Santo Antônio, São João Batista e São Pedro, no mês de junho foram trazidas para o Brasil pelos colonizadores portugueses, presente até hoje, notadamente no município de Caravelas em que há devoção aos três santos. Herança do passado está presente nos festejos juninos, como ocorriam exclusivamente, no meio rural em que os devotos rezavam novenas, faziam procissões e pagavam promessas - além de dançar, cantar e agradecer aos céus pela bênção das boas colheitas. Na cidade de Caravelas, de uma forma peculiar, a população realiza várias festividades durante o mês de junho, desde as trezenas de Santo Antônio, a reprodução de diversos arraiais pela cidade, com o encerramento dos festejos no dia 29, em homenagem a São Pedro.

As comemorações do São João nesse *locus* remontam ao período em que a cidade era apenas um pequeno povoado, na primeira metade do século XIX. Naquela época a festa apresentava um caráter familiar e comunitário. As famílias acendiam fogueiras e preparavam comidas típicas - a maioria a base de milho, um dos produtos agrícolas cultivados na região, para receber os familiares e amigos. Conforme Koopmans (2005),

A natureza e o trabalho ofereciam tudo em abundancia. Assim como era fácil encontrar mãos amigas para trabalhar nos mutirões, cultivando a terra, mas facial ainda era encontrar amigos nas festas juninas ou na festa dos santos Reis, São Sebastião, São Benedito e tantos outros. Nessas festas, a vizinhança inteira participava de momentos importantes para fortalecer a dimensão fraterna e solidária da vida, inclusive da cultura popular que era riquíssima. (p. 30-31)

É sabido que a inclusão da devoção aos santos teve como participação os padres jesuítas, esses foram os responsáveis pela difusão dessas práticas culturais. No princípio elas serviam para atrair os indígenas e assim poderem emitir suas mensagens catequizadoras. Já naquele tempo as festas juninas eram comemoradas com fogueiras, rezas e cantorias, e coincidiam com o período em que os índios realizavam seus rituais de fertilidade. Junho é um tempo de colheita do milho, da mandioca, do feijão, do cará; a base dos pratos que acompanham os rituais juninos.

2 Caravelas, a maior Vila da Comarca de Porto Seguro

Localizada no extremo sul da Bahia, Caravelas é considerada um dos portais turístico da Bahia, locus de acesso ao Parque Nacional Marinho de Abrolhos - arquipélago de

Abrolhos. Com uma população de 21.414 habitantes (IBDE, Censo de 2010), o povoado foi fundado em 1581, e elevado a Vila em 1700, recebendo o nome de Santo Antônio do Rio Caravelas. Em 1855 Caravelas teve a sua emancipação política conquistada, tornando-se uma das cidades mais importante do extremo sul baiano, conforme o registro de Koopmans,

Caravelas é a maior Vila da Comarca de Porto Seguro, possui ruas retas, cruzando-se perpendicularmente, cinco ou seis principais e diversas outras menores. As casas da Vila são bem construídas, geralmente de um só andar. Caravelas mantém animado comércio dos produtos da região, sobretudo farinha de mandioca e algodão. Esse comércio traz para a região considerável número de navios de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro e outros pontos da costa. (2005, p. 17).

Centro econômico e político do extremo sul baiano até início do século XX, influenciada pelo intenso movimento comercial, no encontro do ponto final da estrada de ferro (Bahia - Minas) com o mar, na Barra de Caravelas, a cidade a época era povoado habitado por indígenas, afro-brasileiros, alemães e operários que vieram para a construção da ferrovia. Nesse período, Caravelas foi o maior produtor de café da Província, tinha 226 embarcações para o transporte de produtos da região, principalmente café, cacau, peixe e farinha, o que viabilizou a construção da rodovia entre o distrito e a colônia Leopoldina, hoje denominada de Helvécia, distrito de Nova Viçosa (BA).

Em 1865, a cidade contava com seis escolas primárias, 214 alunos, um teatro, que apresentava peças na região e fora do estado. Em 1875 foi instalada uma agência postal e telegráfica no município. Desenvolvimento que atraiu famílias dos estados circunvizinhos, conforme afiança Koopmans,

Desde o início do século XX, havia um movimento de migração por famílias que saíam do estado vizinho, Minas Gerais. Todo o oeste da região, conhecida como Mata, era atraente para os aventureiros. Os aventureiros eram camponeses que pretendiam melhorar de vida. Assim aumentava o número de propriedades dentro da Mata. Surgiram os primeiros povoados no interior, completamente isolados e afastados das sedes municipais que ficavam no litoral. Isso fez com que existissem poucos contatos entre o povo do interior com o da sede municipal. (2005, p. 29).

Até 1948 Caravelas ainda era considerada como a maior cidade da região do extremo sul baiano, com 16.500 habitantes, desses, 6000 moravam na sede, os demais se espalhavam pela zona campesina que ia até divisa com Minas Gerais. A produção agrícola era de 11. 500 toneladas de farinha, 2 mil toneladas de cana de açúcar, 18 mil cachos de bananas e 3 milhões de cocos da Bahia, com 18 mil bois e 2 mil suínos. Para o transporte de mercadorias, contava

com duas companhias de navegação, duas companhias aéreas, uma companhia ferroviária que ligava o município as cidades mineiras de Teófilo Otoni e Araçuaí.

Com a desativação da estrada de ferro Bahia - Minas, gradativamente o município foi perdendo o lugar de destaque que ocupara por longos anos entre os mais prósperos da Bahia e, por conseguinte a sua importância demográfica e econômica. Nas décadas de 50 e 60, o centro comercial do extremo sul da Bahia passou a ser Nanuque, um município de Minas Gerais, justificado pelo intenso extrativismo de madeiras nobres da mata atlântica. (KOOPMANS, 2005).

3 Aspectos Metodológicos: articulação dos festejos juninos aos conteúdos escolares

A partir dessa breve retomada dos aspectos da história e da cultura da cidade, procedemos aos debates e negociações junto aos docentes de escolas municipais e graduandas do curso de Pedagogia do Programa Plataforma Freire, do Plano de Formação de Professores da Educação Básica/CAPES/MEC, executado pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB – extensão do Campus X, acerca dos festejos juninos como signos culturais e linguísticos, depositários da memória coletiva e do fortalecimento da identidade cultural.

Do desejo de articular os saberes presentes na memória coletiva acerca da cultura local elaboramos o projeto *TRADIÇÃO, CULTURA E EDUCAÇÃO: as festas juninas de Caravelas (BA) como espaço de troca de saberes* que teve como objetivo geral possibilitar aos docentes refletirem sobre a cultura local, no que diz respeito às festas e tradições populares, notadamente os festejos de São João, como forma de introduzir nas práticas pedagógicas de escolas públicas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental a história, a cultura e as linguagens relativas aos festejos juninos, na perspectiva transversal, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, especificamente dos Temas Transversais, Ética e Pluralidade Cultural:

O compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental. Nessa perspectiva é que foram incorporadas como temas transversais as questões da ética, da pluralidade cultural, do meio ambiente, da saúde e da orientação sexual. (1997, p. 15).

Para elaboração do projeto realizamos com os 22 docentes/graduandos, uma reunião para apresentação e apreciação da versão preliminar do projeto. Após apreciação e acolhimento do mesmo, foi realizado um levantamento das temáticas as serem trabalhadas a partir dos festejos juninos e das escolas em que as atividades seriam desenvolvidas.

Posteriormente realizamos o mapeamento das escolas junto as docentes que envolveram nove instituições públicas³ articuladas com as comunidades do entorno, a fim de viabilizar a aproximação de familiares dos discentes e vizinhanças com as atividades. Cada equipe de docentes elaborou, organizou e aplicou ações pedagógicas nas escolas, no período de maio e junho, intercalando com encontros para socialização e orientações junto as coordenadoras do projeto.

Dessas praticas educativas, orientadas pelos recursos da pesquisa-ação, trouxe como resultado sete subprojetos em articulação com o tema gerador: (1) São João na Educação Infantil: jogos e brincadeiras; (2) Arraiá do Pega Leve; (3) Forró de Luiz Gonzaga – “O rei do Baião”; (4) Eu nas Festas Juninas; (5) Literatura: Lendas e mitos; (6) Santo Antônio, São João e São Pedro: os santos homenageados no mês de junho em Caravelas e (7) Tradições e costumes juninos, realizados em nove escolas.

Estes subprojetos forma executados nas escolas em que os docentes estavam inseridos, com a participação dos seus alunos de Ensino Fundamental. Cada grupo de crianças sob o acompanhamento das graduandas professoras, realizou entrevistas com os familiares e comunidade em que a escola está inserida, com registro de músicas, cantigas e de ladainhas relativas aos festejos, assim como de danças juninas, levantamento de receitas tipicamente juninas, das vestimentas usadas nos festejos por seus ancestrais além do registro de lendas, mitos e simpatias – herança da cultura oral que ainda se faz presente na literatura popular. Com vistas a articular essa práticas culturais ao planejamento dos componentes curriculares.

Assim os docentes distribuíram as temáticas emergidas das pesquisas pelos discentes nas áreas de conhecimentos. Os professores de Educação Física e Arte trataram de questões inerentes às danças típicas, como a quadrilha e o forró, das músicas, performances, expressões corporais, entre outras manifestações. Nesses componentes também foram contemplados a decoração, indumentárias e ensaios para as apresentações de quadrilhas na culminância do projeto.

³ Escola Municipal Isabel Costa, Escola Municipal Alegria do Povo, Escola Municipal Alda Nunes, Escola Municipal Claudionora, Escola Municipal Almir Santana, Escola Municipal Edie Santos, Escola Municipal de Educação Infantil Vovó Cecília, Escola Municipal de Educação Infantil Vovó Loca e a Associação de Pais de Alunos Especiais (APAE).

Nas aulas de História e Geografia foram tratados aspectos socioeconômicos, históricos e culturais relacionados à cidade e o surgimento dessas festividades na região, assim como, as contribuições de indígenas, africanos e europeus na constituição dessas manifestações.

Em Língua Portuguesa foi realizado o registro da literatura popular, por meio de diferentes linguagens, de acordo com as competências e habilidades dos discentes. O foco foi o registro da memória como elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, uma vez que ela é também “um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 5).

Em Ciências estudaram o corpo humano associado aos movimentos, os alimentos que são a base para os pratos tradicionalmente juninos e o cultivo desses, o que implicou no estudo da cultura de camponeses, populações ribeirinhas e quilombolas, frente aos diferentes espaços que as escolas ocupam. Se o estudo era a construção da identidade cultural coletiva foi importante que os docentes aludissem todos os investimentos realizados pelos grupos. Os trabalhos realizados por cada membro e o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência desses. Os estudos nessa área apontaram que o milho, desde a plantação, colheita e consumo, é o alimento e o trabalho que se faz presente no período que antecede os festejos.

Nas aulas de Matemática, os docentes elaboraram tabelas e gráficos representando dados das pesquisas realizadas com as crianças junto à comunidade quanto à preferência das comidas tipicamente juninas, de forma quantitativa. Esses dados comprovaram os estudos realizados em Ciências. Entre os pratos típicos ficaram em primeiro lugar os que têm como base o milho.

Com essas atividades que tanto as professoras como seus alunos tornaram-se protagonistas. Eles opinaram quanto ao que pesquisar como realizar os estudos, a forma de participar nas ações e nos eventos, levando em consideração a série e as competências de cada turma. Todas as atividades foram elaboradas coletivamente, com o envolvimento de professores, coordenadores, discentes, representantes da comunidade e das coordenadoras do projeto. Ao resumir os principais aspectos da pesquisa-ação, Thiollent (2000), observa que nesta,

Há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada (...) desta interação resulta a ordem de prioridades dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta (p. 16)

Gradativamente os objetivos elencados foram alcançados, agregando aos estudos os saberes oriundos da comunidade em diálogo com os conteúdos trabalhados nas escolas. O tema cultura transversalizou todas as disciplinas. Esses estudos motivaram docentes e discentes a realizarem em suas escolas a reconstrução de cenários das festas juninas com comidas típicas, apresentação de cantigas e de textos populares, encenação da tradicional quadrilha.

Nos estudos houve orientações quanto ao tratamento às crenças da comunidade, de forma a não estimular leituras preconceituosas e reforçar estereótipos à figura do camponês, dos ribeirinhos, etc. Ao contrário, as metas foram traçadas visando à valorização de todas as formas de expressão cultural da comunidade. O culto aos santos, no Brasil, foi incorporado a outras manifestações, como as danças organizadas por camponeses. Lessa e Bustamante (2005) observam que “os espaços da festa e da memória frequentemente se entrelaçam, pois a festa ritualiza e reatualiza algumas dimensões da memória” (p. 16). A memória como parte importante da identidade de um grupo, reforça os laços entre os sujeitos e a comunidade que pertencem.

4. Considerações Finais

O impacto dessa atividade se deu em três dimensões: Na formação dos educadores e educandos, na ressignificação de práticas educativas na perspectiva da transversalidade e no envolvimento da comunidade local. Quanto à formação dos educadores e educandos, foi possível desenvolver aspectos históricos, sociais, antropológicos e culturais que circundam os festejos – temas importantes para a compreensão do presente e para o estabelecimento de conexões dos sujeitos contemporâneos com os conhecimentos de seus antepassados.

Assim, questões que permeiam as relações entre educação, memória, identidade, cultura, multiculturalismo e interculturalidade devem ser vistas como dimensão epistemológica, tendo como referência a singularidade das comunidades afrodescendentes, camponesas, ribeirinhas e indígenas. Para que os docentes continuem trabalhando a compreensão de viver democraticamente em uma sociedade plural, respeitando os diferentes grupos e culturas que a constituem.

Diante dessa proposição com o coletivo de docentes, defendemos que cada discente seja estimulado a reconhecer e valorizar as identidades culturais de seu contexto. A escola como lugar de estudo da história e das tradições presentes nas comunidades ribeirinhas,

quilombolas, nos bairros populares, terreiros, assentamentos e outros espaços é o que possibilitará uma escola como local de diálogo, de convivência, de reverência às diferentes formas de expressão cultural e igualdade social, tal como observam Giroux e Simon (1995) no artigo *Cultura Popular e Pedagogia Crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular*.

Referências

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARDOSO, Zélia de Almeida. Festas romanas: da época dos reis ao advento do cristianismo. In: LESSA, Fábio de Souza; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. *Memória e festa: um balanço*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GIROUX, H. & SIMON, R. *Cultura Popular e Pedagogia Crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular*. In: Moreira, A. F. B. & SILVA, T. T. da (Org.). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 1995, p. 93-194.

KOOPMANS, Pe. José. *Além do eucalipto: o papel do extremo sul*. Salvador: BDA, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico -2010. Disponível: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 10 maio de 2013.

LESSA, Fábio de Souza; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. *Memória e festa: um balanço*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

MARQUES DE MELO, José. *As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário, no Brasil, no limiar do século XXI*. In: Anuário UNESCO/Umesp de Comunicação Regional, Ano V n.5, 109-118, jan./dez. 2001.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://reviravoltadesign.com/080929_raiviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2013.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2000.